

**Antônia Alves Pereira<sup>1</sup>**  
(Universidade Federal do Pará, UFPA)

## **Estratégias de complementação em asurini do Xingu: a oração complemento<sup>2</sup>**

**ABSTRACT:** In this article, we analyze complement clauses in the Asurini of Xingu language, and show that nominalization is the strategy used for forming this type of clause in the language. The identification of the arguments A, O, Sa and So, in the complement clause, is accomplished by means of the valence of the verbs and of the different nominalizers. We found that in this type of clause, the A and O arguments can be deleted. The deletion rules are governed by discourse: if the identification of the referent is clear, it can be deleted under certain conditions.

**KEYWORDS:** Nominalizers; Complement clauses; Asurini of Xingu language; Syntax; Morphology.

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos a oração complemento na língua Asurini do Xingu. Mostramos que a nominalização é a estratégia utilizada para a formação desse tipo de oração na língua. A identificação dos argumentos A, O, Sa e So, na oração complemento, é feita através da valência dos verbos e dos diferentes nominalizadores. Constatamos que nesse tipo de oração os argumentos A e O podem ser apagados. As regras de apagamento de constituintes são governadas pelo discurso: se a identificação do referente é clara, ele poderá ser apagado mediante determinadas condições.

**PALAVRAS CHAVE:** Nominalizadores; Oração complemento; Língua Asurini do Xingu; Sintaxe; Morfologia.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo analisar aspectos da oração complemento na língua Asurini do Xingu. Essa língua é classificada como pertencente à família Tupi-Guarani (Rodrigues 1986), é falada pelo povo chamado Asurini, e que se autodenomina *avaete* ‘gente de verdade’. O termo Xingu foi acrescentado ao nome Asurini para distinguir esse grupo de outro homônimo que vive em Tocantins, conhecido na literatura antropológica por Asurini, Asurini do Tocantins ou Asurini do Trocará. O povo que fala o idioma Asurini do Xingu vive no município de Altamira, estado do Pará, sua população é composta por aproximadamente 150 pessoas. Em 2011, esse povo, que vivia numa única aldeia, dividiu-se: um grupo permaneceu em Kwatinemu e o outro migrou, fundando a aldeia Itaka ‘muita pedra’. Nesse último grupo, encontram-se aproximadamente 25 pessoas.

---

<sup>1</sup> Professora do quadro permanente da Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> Parte dos dados utilizados neste artigo encontra-se no capítulo 6 de minha Tese de Doutorado intitulada *Estudo Morfosintático do Asurini do Xingu*, orientada pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucy Seki, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas, em 2009. A pesquisa de campo contou com o apoio financeiro do CNPQ através da concessão de taxa de bancada.

O Asurini do Xingu é uma língua de tradição oral, como tantas outras línguas indígenas da América do Sul.

A nominalização é o recurso utilizado para formar as orações complementos nessa língua; ao contrário de línguas indo-europeias que, conforme Noonan (1985), usam complementalizadores como estratégia de formação dessas orações. O uso de nominalizadores como estratégia de formação de oração complemento é encontrado em várias línguas indígenas, inclusive geneticamente diferenciadas.

Alguns exemplos de línguas da família Tupi-Guarani (Tupi) que apresentam a nominalização como recurso para a formação de oração complemento são: Kamaiurá, Anambé e Kaiowá. Em Kamaiurá, encontramos a análise desse fenômeno na obra de Seki (2000). Em Anambé, Julião (2009) apresenta a relação entre nominalização e orações completivas. No Kaiowá, Cardoso (2008: 155) diz: “As orações são complementizadas por meio do morfema nominalizador {ha-}”.

Em Gavião de Rondônia, membro da família Mondé (Tupi), esse fenômeno é analisado por Moore (2006: 141-142) da seguinte forma: “As nominalizações sintáticas são construções bem gerais que se traduzem como cláusulas relativas com núcleo, cláusulas relativas sem núcleo ou cláusulas complementos”.

Pachêco (2001: 206) afirma que em Ikpeng, língua pertencente à família Karib, “Os complementos oracionais [...] apresentam o verbo na forma nominalizada”.

Esse artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, tratamos da nominalização utilizada como estratégia de formação das orações complementos. Na segunda parte, tratamos da morfologia das orações complementos na língua Asurini do Xingu. Na terceira parte, tratamos das relações sintáticas das orações complementos nessa língua. E, por fim, na quarta parte, apresentamos a conclusão do artigo.

## **2. AS ORAÇÕES COMPLEMENTOS E AS NOMINALIZAÇÕES NO ASURINI DO XINGU**

### **2.1. A oração complemento**

O tipo de complemento comumente denominado oração complemento é aquele que se refere a uma estrutura oracional que funciona como complemento de outra oração dita principal: “A complement clause functions as a core argument of a clause” (Dixon 2006: 4). E Noonan (1985: 42): “By complementation we mean the syntactic situation that arises when a notional sentence or predication is an argument of a predicate”.

Segundo Dixon (2006), um constituinte para ser reconhecido como oração complemento deve satisfazer a quatro critérios:

“(I) It has the internal constituent structures of a clause, as least as far as core arguments are concerned. That is, S, A, and O (or other) arguments, if not omitted by a grammatical rule associated with a particular complement clause constructions, should be marked in the same way as in main clause (allowing for the fact that part of the marking for a type of complement clause may attach to its subject) and have much the same grammatical properties.

(II) It functions as a core argument of a higher clause. In every language in which complement clause occur they function as O argument and/or as E argument; there are sometimes other possibilities as well.

(III) A complement clause will always describe a positions; this can be a fact, and activity, or a potential state, etc.

(IV) In every language which has a complement clauses, they function as a core argument (generally O or E) for verbs with meanings such as ‘see’, ‘hear’, ‘know’, ‘believe’, and ‘like’ (insofar as the language has such verbs); and also for ‘tell’ if there is an indirect speech constructions, and for ‘want’ if this secondary concept is realized as lexical verb.” (Dixon 2006:15).

A oração complemento faz parte de um conjunto de categorias sintáticas que funciona como complemento numa língua. Conforme Noonan (1985), os tipos de complementos variam quanto ao número e quanto à forma que se apresentam nas línguas. Há línguas, conforme o autor, com quatro estratégias de complementação, como o Inglês, por exemplo, e línguas que apresentam apenas dois tipos de complementação, como Irlandês. No que se refere a formas dos complementos, são variáveis de língua para língua. Mesmo aquelas línguas que têm o mesmo número de complemento, podem apresentar variação quanto ao tipo de complemento.

Conforme o autor acima citado, um tipo de complemento é identificado numa língua, basicamente por: “(1) the morphology of the predicate; (2) the sorts of syntactic relations it has with its arguments; and (3) the external syntactic relations of the complement construction as whole” (Noonan 1985: 44). Para Givón (2001) e Dixon (2006), verbos como querer, ver, cheirar, saber e conhecer constituem uma subclasse que recebe complemento.

Em Asurini do Xingu, uma oração complemento é formada a partir da afixação de nominalizadores específicos acrescentados à raiz de uma estrutura que funciona como argumento da oração principal. Nesse sentido, essa língua se diferencia de línguas como a Portuguesa<sup>3</sup> que usa, como estratégia de formação de oração complemento, categorias conhecidas na tipologia linguística como complementalizadores.

O uso de nominalizadores como estratégia de formação de oração complemento é recorrente nas línguas da família Tupi-Guarani. Brandon e Seki (1981) descrevem a nominalização como recurso de subordinação muito comum às línguas do tronco Tupi.

A seguir, mostramos as nominalizações como estratégia de formação da oração complemento no Asurini do Xingu.

## **2.2. As nominalizações como estratégias de formação da oração complemento no Asurini do Xingu**

No Asurini do Xingu, os nominalizadores são afixados ao radical verbal para formar a oração complemento. Após o processo de afixação do nominalizador, a oração dependente passa a desempenhar a função de argumento da oração principal.

---

<sup>3</sup> O que chamamos aqui ‘oração complemento na língua Portuguesa’ é denominado pela Gramática Tradicional oração subordinada substantiva.

A nominalização desempenha um papel importante na língua, atuando, de uma maneira geral, na formação das orações subordinadas. Pereira (2010) demonstra que os nominalizadores são os recursos usados para a formação das orações relativas nessa língua.

Os nominalizadores de que temos conhecimento, até o momento, usados no Asurini do Xingu como estratégia para a formação da oração complemento são {-tat}, {-ama'e}, {-tati} e {-emi}.

A seguir, exemplos de orações complemento constituídas com esses nominalizadores:

- (1) dje a-kwap [kudjema'e ur-ama'e]  
 1SG 1SG.I<sup>4</sup>-conhecer homem vir-NMLZ  
 'eu conheço o homem que veio'
- (2) n-a-kwav-i raka [i-akuv-ama'e]  
 NEG-1-saber-NEG PASS 3-febril-NMLZ  
 'eu não sabia que ele estava febril'
- (3) dje a-kwap [ene maryn-av-a]  
 1SG 1SG.I- saber 2SG estar.doente-NMLZ-N  
 'Eu sei que você está doente'
- (4) a-kwap [myra kunumi r-emi-avyki-Ø]  
 1SG.I – saber NPR menino R-NMLZ-bater-N  
 'eu sei que o menino bateu em Myra'
- (5) a-kwap [myra t-yru futuka-ar-a]  
 1SG.I saber NPR 3- roupa lavar-NMLZ-N  
 'eu sei que Myra lava roupa'

O quadro abaixo exhibe os nominalizadores que são utilizados como recurso na formação das orações complementos no Asurini do Xingu. Nele, podemos visualizar o tipo de verbo e os papéis sintático-semânticos com os quais cada nominalizador ocorre.

**Quadro 1.** Nominalizadores do Asurini do Xingu que atuam na formação de oração complemento

	Agente	Paciente	Atributivo	Ação/Estado oblíquo
Verbo transitivo	{-tat}	{-emi-}		
Verbo transitivo e Verbo intransitivo				{-tap}
Verbo intransitivo e Descritivo			{-ma'e}~ {-ama'e}	

<sup>4</sup> Neste trabalho, usamos 1SG, 1PL, 2SG, 2PL, 3SG e 3PL para representar essas pessoas quando são expressas por pronomes pessoais. Acrescentamos I Para indicar que essas pessoas são expressas por prefixos da série I.

Os afixos nominalizadores do Asurini do Xingu, em virtude do processo de alomorfa, podem adquirir outras formas além das apresentadas acima. Os fenômenos mais comuns são a queda da consoante dental inicial e as mudanças do fonema coronal /t/ para um tepe [r] e do fonema plosivo /p/ para o fricativo [v] na posição final do morfema quando estes últimos se encontram antes do morfema {-a}. Esse fenômeno é encontrado em outras línguas Tupi-Guarani, dentre elas, no Kamaiurá.

Como dito acima, os nominalizadores funcionam também como recurso na formação de oração relativa na língua. Embora oração relativa e oração complemento compartilhem nominalizadores, havendo, pois uma aproximação morfológica entre os dois tipos de orações que em certos momentos ficam estruturalmente idênticas, o critério sintático (algumas vezes com o auxílio do critério semântico) tem se mostrado satisfatório na distinção dessas orações. Na oração relativa, a estrutura nominalizada funciona como modificadora do sintagma nominal (SN), que pode funcionar como sujeito ou objeto; já na oração complemento, a estrutura nominalizada funciona como argumento do verbo da oração principal. O exemplo (6) ilustra uma oração relativa nominalizada com {-emi}, o exemplo (7) exhibe uma oração complemento também nominalizada com {-emi}.

- (6) myra mani'aka u-kytyk [ene r-emi-pepin-Ø]  
 NPR mandioca 3SG.I-ralar 2SG R-NMLZ-descascar-N  
 'Myra ralou a mandioca que você descascou'  
 Lit: /Myra ralou a mandioca descascada por você/
- (7) a-kwap [myra kunumi r-emi-avyki-Ø]  
 1SG.I-saber NPR menino R-NMLZ-bater-N  
 'eu sei que o menino bateu em Myra'

Fica evidenciado, no exemplo (6), que a estrutura nominalizada atua como modificadora do nome mandioca que se encontra na oração principal; já em (7) a estrutura nominalizada funciona como argumento (O) do verbo {-kwap} que se encontra na oração principal.

Na tipologia linguística, Dixon faz a distinção seguinte entre oração relativa e oração complemento:

A relative clause is part of an NP which fills an argument slot (subject, object, etc.) in a clause. The relative clause modifies the head of the NP (which is generally a noun) and helps to focus on its referent in the same way that others modifiers such as demonstratives and adjectives do. (...) A complement clause functions as a core argument of a clause. In most instances, this argument can be either a complement clause or an NP. (Dixon 2006: 4).

Análise idêntica a essa de Dixon, fazem Thompson e Longacre (1985: 172) e Comrie e Horie (1995) para oração relativa e oração complemento. Segundo esses autores, as orações complementos, prototipicamente, funcionam como sintagma nominal em relação à principal, já as orações relativas atuam como modificadoras de nomes ou sintagmas nominais.

### 3. A MORFOLOGIA DAS ORAÇÕES COMPLEMENTOS NO ASURINI DO XINGU

Como já dito aqui, a oração complemento se estrutura na língua através da afixação de nominalizadores à raiz verbal que passa a desempenhar a função de argumento da oração principal. Os dados abaixo ilustram a oração complemento funcionando como argumento da oração principal:

- (8)        dje        a-kwap                [ka        kaj-tav-a]  
 1SG        1SG.I-saber        roça        queimar-NMLZ-N  
 ‘eu sei que roça é queimada’
- (9)        [asurini dje        dje’ëg-av-a]        ga                                u-rip  
 asurini 1SG        falar-NMLZ-N        3SG.M                            3SG.I-alegrar  
 ‘o fato de eu falar asurini, alegrou-o’

Após a nominalização, o verbo da oração dependente que aparece em construções como (8), exige a presença do morfema {-a}<sup>5</sup>. Todos os nominalizadores acima citados, com exceção de {-ama’e}~{-ma’e}, após se afixarem ao radical verbal, recebem o morfema {-a}. Esse morfema é recorrente nas línguas da família Tupi-Guarani. Em muitas delas ainda marca todas as funções tipicamente nominais. No Asurini do Xingu, há indícios de ter marcado as funções nominais em estágios anteriores da língua. No estágio atual, parece que está perdendo o *status* gramatical em alguns contextos (Pereira 2009).

O verbo nominalizado na oração dependente pode receber o morfema {-et}<sup>6</sup>, marcador de tempo no nome, conforme podemos conferir no exemplo abaixo.

- (10)        dje        a-kwap                [maja    kunumi                mabak-ar-er-a]  
 1SG        1SG.I-saber        cobra    menino                morder-NMLZ-PASS-N  
 ‘eu sei que a cobra mordeu o menino’

Conforme se observa em (10), quando a estrutura nominalizada aparece com o morfema {-et}, o morfema {-a} muda de posição, indo para o final da construção. A posição desse morfema na língua é sempre no final da estrutura. Essa característica da oração complemento no Asurini do Xingu também é encontrada em Kamaiurá na análise de Seki (2000).

Em Asurini do Xingu, encontramos no interior das orações complementos as funções sintáticas seguintes: sujeito (Sa, So, A) e Objeto (O)<sup>7</sup>. Os argumentos Sa e A são codificados com os mesmos elementos, da mesma forma. Analogamente, So e O também são codificados pelos mesmos elementos. Esse tipo de relação é o que Dixon (1994) chama de sistema cindido<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> O morfema {-a} tem duas realizações: {-a} depois de consoantes e {-Ø} depois de vogais.

<sup>6</sup> Sobre o *status* desse morfema na língua, consulte Pereira (2005).

<sup>7</sup> S, A, O, Sa e So são utilizados aqui tal como em Dixon (1994).

<sup>8</sup> Conforme Dixon (1994), línguas da família Tupi-Guarani tendem a apresentar a classe dos verbos intransitivos subdividida em intransitivo ativo (Sa) e intransitivo estativo (So), inclinando-se para um sistema de marcação de caso cindido, Split-S. Sobre o sistema cindido do Asurini do Xingu, consulte Pereira (2009).

Os argumentos das orações complementos são codificados: (i) por zero, (ii) por nominais<sup>9</sup> e pronomes pessoais (acompanhados por prefixos relacionais), (iii) por prefixo relacional de terceira pessoa especificada e, (iv) por prefixos da série I quando o predicado é constituído por um verbo intransitivo ativo e nominalizado com o morfema {-ama'e} ~{-ma'e}. O uso desses recursos varia conforme a natureza do nominalizador e do radical verbal base. Abaixo, o quadro 2 apresenta a série de pronomes pessoais e a série I de prefixos ativos.

**Quadro 2.** Pronomes pessoais e série I dos prefixos ativos

Pessoas	Pronomes pessoais	Prefixos da série I
1SG	dje	a-
2SG	ene	ere-
3SG	ga M, ã F	u-
1INCL	djane	txa-
1EXCL	ure	uru-
2PL	pene	pe-
3PL	gy	u-

### 3.1. Codificação dos complementos na estrutura interna das orações complementos

Os exemplos abaixo ilustram a codificação de Sa, A, So e O nas orações complementos:

#### a) Codificação de Sa

- (11) dje a-kwap [ene Ø-ata-var-a] (Sa codificado por pronome pessoal)  
 1SG 1SG.I-saber 2SG R-caçar-NMLZ-N  
 'eu sei que você é caçador'

- (12) dje a-kwap [ka kaj-tav-a] (Sa codificado por nominal)  
 1SG 1SG.I-saber roça queimar-NMLZ-N  
 'eu sei que roça é queimada'

- (13) [u-vaem-ama'e] tapi'ira n-u-u'-i (Sa codificado por prefixo da série I)  
 3-chegar-NMLZ anta NEG-3-comer-NEG  
 'o que chegou não come anta'

#### b) Codificação de So

- (14) dje a-kwap [ene Ø-maryn-av-a] (So codificado por pronome pessoal)  
 1SG 1SG.I-saber 2SG R-estar.doente-NMLZ-N  
 'eu sei que você está doente'

<sup>9</sup> Os pronomes demonstrativos são classificados como uma subclasse dos nomes em Asurini do Xingu, podendo em contextos específicos substituírem nomes.

- (15) n-a-kwav-i raka  
 NEG-1SG.I-saber-NEG PASS (So codificado por 3ª pessoa especificada)  
 [i-akuv-ama'e]  
 3-febril-NMLZ  
 'eu não sabia que ele estava febril'

c) Codificação de A

- (16) a-kwap [ẽ t-yru futuka-ar-a] (A codificado por pronome pessoal)  
 1-saber 3SG 3-roupa lavar-NMLZ-N  
 'eu sei que ela lava roupa'

- (17) a-kwap [myra t-yru futuka-ar-a] (A codificado por nominal)  
 1-saber NPR 3-roupa lavar-NMLZ-N  
 'eu sei que Myra lava roupa'

d) Codificação de O

- (18) n-a-kwav-i [i-py'yk-av-a] (O codificado por terceira pessoa definida)  
 NEG-1SG.I-saber-NEG 3-pegar-NMLZ-N  
 'eu não sei pegá-lo'

- (19) dje a-akwap [maja kunumi mabak-ar-er-a] (O codificado por nominal)  
 1SG 1SG.I-saber cobra menino morder-NMLZ-PST-N  
 'eu sei que a cobra mordeu o menino'

Podemos ver nos exemplos acima que sujeitos e objeto nas orações complementos são expressos sempre da mesma forma, salvo o caso em que a oração complemento é constituída por um verbo intransitivo ativo, nominalizada pelo morfema {-ama'e} e o sujeito é terceira pessoa. Nessa situação, o verbo recebe prefixos da serie I ao invés de pronomes pessoais. Dessa forma, pode-se afirmar que não existe um critério morfológico que faça distinção entre sujeito e objeto nesse tipo de oração.

A codificação dos argumentos por zero na oração complemento será vista mais à frente, ao tratarmos de apagamento.

Além disso, nesse tipo de oração inexistente distinção formal entre os diferentes tipos de sujeito, como existe nas orações independentes. Isso nos leva a pensar sobre que tipo de recurso os falantes utilizam para distinguir esses argumentos. A sintaxe da língua é de fundamental importância para fazer tal distinção. Mais adiante, ao tratarmos das relações sintáticas nas orações complementos, voltaremos à questão.

Existe, pois, uma diferença marcante entre as orações complementos e as orações independentes quando sujeito e objeto são expressos por elementos pronominais. Nas orações independentes, sujeitos e objetos são marcados no verbo com elementos pronominais de série distintas: Sa e A são codificados por elementos pronominais da série I (20) e (21), já So e O são codificados por pronomes pessoais (22) e (23).



**3.2. Codificação pronominal nas orações independentes:**

- (20) ere-ata (Sa)  
2SG.I-caçar  
'você caça'
- (21) ma'e-papira a-py'yk (A)  
GN-panela 1SG.I-pegar  
'eu peguei panela'
- (22) ene r-upi'a (So)  
2SG R-estar.grávida  
'você está grávida'
- (23) ã u-etxak (O)  
3SG.F 3SG.I-ver  
'ele a viu'

A codificação da terceira pessoa nas orações complementos se distingue da codificação das demais pessoas. Enquanto a primeira e a segunda pessoas são codificadas por pronomes clíticos e relacionais, a terceira pessoa não aceita um nominal ou pronome clítico e o prefixo {i-} simultaneamente, sendo este correferente com o nominal ou pronome clítico. O exemplo (24) exhibe a terceira pessoa codificada por um pronome pessoal, o (25) mostra a terceira pessoa codificada pelo prefixo de terceira pessoa {i-}. Dados como (26) não são reconhecidos como gramaticais.

- (24) dje a-kwap [ga mej-var-a]  
1SG 1SG.I-saber 3SG.M mentir-NMLZ-N  
'eu sei que ele é mentiroso'
- (25) n-a-kwav-i [i-py'yk-av-a]  
NEG-1-saber-NEG 3-pegar-NMLZ-N  
'eu não sei pegá-lo'
- (26) \*dje a-kwap ga i-mej-var-a  
1SG 1SG.I-saber 3SG.M 3- mentir-NMLZ-N  
'eu sei que ele é mentiroso'

O morfema {-i}, que marca terceira pessoa definida, pode desempenhar a função de sujeito ou a função de objeto, conforme a valência do verbo a que se anexa. Os exemplos (25), acima, e (27), abaixo, mostram, respectivamente, que, quando esse morfema se encontra diante de um verbo transitivo, desempenha a função de objeto, mas, quando se encontra diante de um verbo intransitivo, desempenha a função de sujeito.

- (27) n-a-kwav-i raka [i-akuv-ama'e]  
NEG-1SG.I-saber-NEG PASS 3-febril-NMLZ  
'eu não sabia que ele estava febril'

## 4. AS RELAÇÕES SINTÁTICAS NA ORAÇÃO COMPLEMENTO

### 4.1. Distribuição dos argumentos na oração complemento

Como vimos, a morfologia não oferece recursos suficientes para que se identifiquem os argumentos sujeito e objeto nas orações complementos. A sintaxe é de fundamental importância nesse campo. Através da ordem dos argumentos, podemos identificar A e O nas sentenças complementos. Quando a sentença expressa morfologicamente os dois argumentos, o mais próximo ao verbo, via de regra, desempenha a função O, ao passo que o mais distante desempenha a função A, como podemos ver no exemplo (28) abaixo. Nossa análise, até o momento, revela que apenas a oração complemento nominalizada com {-emi} foge a essa regra, pois, nesse caso, o argumento mais próximo ao verbo desempenha a função de sujeito. O exemplo (7), atrás, ilustra o que colocamos aqui.

- (28) a-kwap                      [myra    t-yru                      futuka-ar-a]  
       1SG.I-saber              NPR      3- roupa                      lavar-NMLZ-N]  
       ‘eu sei que Myra lava roupa’

Quando a oração complemento é constituída por um verbo intransitivo, não há dificuldades para a identificação do argumento S, é o argumento mais próximo ao verbo.

Dessa forma, a ordem dos constituintes internos à oração complemento é semelhante à ordem canônica dos constituintes na oração independente que é SOV e SV. A predominância da ordem das orações independentes nas orações complementos na língua Asurini do Xingu está de acordo com a tendência encontrada na tipologia linguística. Noonan (1985: 82), ao tratar da distribuição dos complementos sujeitos e objetos nas orações do tipo complemento, diz que esses argumentos são usualmente posicionados nas orações complementos como o são nas orações independentes, apesar de haver línguas em que a ordem dos argumentos na oração complemento é diferente da ordem desses argumentos nas orações independentes.

Além da ordem dos constituintes na sentença dependente, a valência do verbo, sua semântica e o tipo de nominalizador com o qual esse verbo ocorre fazem com o que o falante identifique os argumentos, interpretando-os como Sa, So, A ou O, independentemente de sua codificação. A importância do verbo para a identificação de argumento na sentença reforça o fenômeno já descrito na tipologia linguística: “The number and nature of core argument is determined by the choice of which verb (or other word) is predicate head” (Dixon e Aikhenvald 2000: 2).

### 4.2. Apagamento de constituintes na oração complemento

De uma maneira geral, as línguas dispõem de regras que governam o apagamento de constituintes. A seguir, exibimos aspectos do apagamento de constituinte em orações complementos no Asurini do Xingu.

Nossa análise mostra que os argumentos A e O podem ser apagados na oração complemento.

Quando há identidade total entre o sujeito da oração principal e o sujeito da oração complemento, o sujeito desta última é apagado. Os exemplos (29) e (30), abaixo, demonstram isso.

- (29)      n-a-kwav-i                      [i-py'yk-av-a]  
             NEG-1 SG.I-saber-NEG       3-pegar-NMLZ-N  
             'eu não sei pegá-lo'
- (30)      ã                  u-futat                      [kumetxigi       funekwa-va-Ø       ã                  upe]  
             3SG.F       3SG.I-querer       prato                      comprar-NMLZ-N    SG.F       POSP  
             'Ela quer comprar prato para ela'

Esse tipo de apagamento é uma estratégia comumente encontrada em diferentes línguas: "Equi-deletion is a common process, especially when conditioned by coreference of complement subjects to matrix agente or experiencer" (Noonan 1985: 68).

O apagamento ou não de constituinte é governado por regras discursivas: se o referente está presente no discurso, poderá ser apagado, caso contrário, não, pois comprometeria o fluxo informacional. Percebemos, assim, a sintaxe a serviço do discurso.

O exemplo abaixo ilustra o apagamento do argumento O da oração complemento:

- (31)      a-etxak                                      [ene       r-emi-etyka-Ø]  
             1SG.I-ver/encontrar                      2SG       R-NMLZ-perder-N  
             'eu achei o que você perdeu'

Esse processo de apagamento de constituintes no Asurini do Xingu pode ser encontrado em diferentes línguas: "In many languages, subject arguments (and all other arguments, for that matter) need not be overtly mentioned when their reference is clear from the discourse context" (Noonan 1985: 68).

## 5. CONCLUSÃO

A nominalização é a estratégia utilizada no Asurini do Xingu para a formação da oração complemento. Esse tipo de oração se distingue da oração independente nessa língua por vários fatores, dentre eles a codificação dos argumentos que é a mesma para sujeito e objeto.

As orações complementos, no Asurini do Xingu, partilham vários traços com as orações complementos da língua Kamaiurá na análise de Seki (2000). Entre as características mais comuns estão o uso de nominalizadores para formar a oração complemento, a mudança de posição do morfema {-a} para o final da estrutura nominalizada, o uso do morfema {-et} como marcador de tempo nominal e aspectos da marcação de pessoa.

Esse artigo mostrou que a ordem dos constituintes na oração complemento no Asurini do Xingu segue a tendência das línguas do mundo que é a manutenção da ordem dos constituintes da oração independente.

A descrição do apagamento de argumentos no Asurini do Xingu reforça a tendência linguística, segundo a qual as línguas do mundo tendem a apagar argumentos cujos referentes são claros no discurso.

Constatamos ainda que o Asurini do Xingu, assim como várias línguas indígenas, inclusive, diferenciadas geneticamente, como o Gavião de Rondônia (família Mondé) e o Ikpeng (família Karíb), usa nominalizadores como recurso para a formação de oração complemento.

Espera-se que o presente artigo possa contribuir com estudos tipológico-comparativos seja no âmbito das línguas indígenas, seja no âmbito da tipologia linguística.

## REFERÊNCIAS

- BRANDON, Frank R.; SEKI, Lucy (1981). Interrogativos e complementizadores em línguas Tupi. *Estudos Linguísticos* 5: 107-114.
- CARDOSO, Valéria Faria (2008). *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas, São Paulo: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- COMRIE, Benard; HORIE, Kaoru (1995). Complement clause versus relative clause: some khmer evidence. In Werner Abraham; T. Givón; Sandra A. Thompson (eds.). *Discourse grammar and typology*, pp. 65-76. Studies in language companion series 27, John Benjamins.
- DIXON, R.M.W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (2006). Complement clause and complementation strategies in typological perspective. In R.M.W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). *Complementation: a cross-linguistic typology*, pp. 1-48. Oxford: OUP.
- \_\_\_\_\_. ; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.) (2000). Introduction. In *Changing valency: case studies in transitivity*, pp. 1-30. Cambridge: Cambridge University Press.
- GIVÓN, T. (2001). *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, vol 2.
- JULIÃO, Maria Risolêta Silva (2009). Nominalização e orações completivas em Anambé. *Anais do SILEL*. vol. 1: 1-6. Uberlândia: EDUFU.
- MOORE, Denny (2006). Cláusulas relativas em Gavião de Rondônia. *Boletim Paraense Emilio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, vol. 1 (1): 135-143.
- NOONAN, Michael (1985). Complementation. In Timothy Shopen (ed.). *Language typology and syntactic description. Grammatical categories and the lexicon*, vol 2: 42-140. Cambridge: Cambridge University Press.
- PACHÊCO, Frantomé Bezerra (2001). *Morfologia do verbo Ikpeng (Karib)*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas, São Paulo: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- PEREIRA, Antônia Alves (2005). *Aspectos morfológicos da língua Asurini do Xingu*. Dissertação de Mestrado em Letras. Belém, PA: Laboratório de Linguagem, Universidade Federal do Pará.
- \_\_\_\_\_. (2009) *Estudo Morfossintático do Asurini do Xingu*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2010). A Nominalização e a oração relativa no Asurini do Xingu. *LIAMES* 10: 101-113.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1986). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- SEKI, Lucy (2000). *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.

THOMPSON, Sandra. A.; LONGACRE, Robert. E. (1985). Adverbial clauses. In Timothy Shopen (ed.). *Language typology and syntactic description. Grammatical categories and the lexicon*, vol 2: 171-234. Cambridge: Cambridge University Press.

### Abreviaturas

A	Sujeito de verbo transitivo
F	Falante de sexo feminino
GN	Morfema genérico
M	Falante de sexo masculino
NMLZ	Nominalizador
N	Nominalizador de agumento nuclear
NEG	Negação
NP	Nome próprio
O	Objeto direto
PASS	Tempo passado
PL	Plural
POSP	Posposição
R	Prefixo relacional
S	Sujeito de verbo transitivo
Sa	Sujeito de verbo transitivo ativo
So	Sujeito de verbo transitivo descritivo
1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa

Recebido: 21/3/2012

Versão revista (1): 24/09/2012

Versão revista (2): 16/10/2012

Aceito: 30/1/2013